

Figuras da experiência:

produção

enunciado

transdisciplinaridade

COLÓQUIO

2016 OUTUBRO 24 25 26

Conservatório de música ufmg

Avenida Afonso Pena 1534 Centro



Angélica Adverse
Armando Queiróz
Bárbara Ahouagi
Bruno Amarante
Caetano Dias
Carolina Melo
Cláudia Pôssa
Daisy Turrer
Elieser Bezerra
Elisa Campos
Fernanda Goulart
Gladston Costa
Guilherme Massara
HortênciA Abreu
José Lara
Kátia Hallak Lombardi
Liliza Mendes
Louise Ganz
Luis Alberto Brandão
Mabe Bethônico
Marco Paulo Rolla
Nina Aragón
Patricia Franca-Huchet
Rodrigo Borges
Stéphane Huchet

FIGURAS DA EXPERIÊNCIA

O Colóquio anual oferecido pelo Bureau de estudos sobre a imagem e o Tempo – grupo de pesquisadores, possui uma visada epistemológica e metodológica. Ele é destinado aos pesquisadores em artes pois um destaque é dado a esta modalidade de pesquisa. Inclui professores, artistas e alunos do PPGArte, pesquisadores de outras unidades da UFMG e convidados. Propõe espaço para discutir diferentes abordagens metodológicas sobre a arte e a transdisciplinaridade. No ano de 2016 o Colóquio terá como tema Figuras da experiência: produção enunciado e transdisciplinaridade (2)

Quando observamos as diferentes práticas artísticas atuais, constata-se um interesse pela diversificação dos aspectos e dos espaços da experiência. Essas práticas legitimam a interrogação dos dispositivos que permitem inventar, elaborar, pensar, produzir, exibir e criticar as mais diversas figuras da experiência artística. Essa diversificação afeta também a figura do artista, que se transforma gradativamente, ao

mesmo tempo que permanece intocada em certos aspectos. Certos tensionamentos ocorrem. O tempo nos convida portanto a refletir sobre esse processo e sua eventual dimensão transdisciplinar. As figuras da experiência conseguem inaugurar algo inédito ou, como o conceito de experiência costuma significar, continuam consagrando fórmulas comprovadamente exitosas? A experiência é a experimentação ou o capital cognitivo sobre o qual a arte pode continuar a existir e a evoluir? Surge a inquietante questão que se coloca com acuidade: qual é o espaço onde acontecem essas experiências. Como defini-lo? O lugar dessas práticas opera diferenças e em quais níveis? Através de que formas e de quais singularidades?

É o que tentaremos discutir no evento do PPGARTES da UFMG: Figuras da experiência: produção enunciado e transdisciplinaridade (2)

O evento acontecerá nos dias 24 25 26 de outubro 2016 no Conservatório de música UFMG.

Palavras Chave: ARTE, METODOLOGIA, PESQUISA, DISPOSITIVO, POESIA, TRANSDISCIPLINARIDADE, LITERATURA, TEXTO, VISUALIDADE, PLASTICIDADE, FORMA, HISTÓRIA, FICÇÃO, ENUNCIADO, ESPAÇO, TEMPO, EXPERIÊNCIA, PENSAMENTO VISUAL, ARTISTICIDADE.

24 DE OUTUBRO - SEGUNDA-FEIRA

MANHÃ

8:30 ABERTURA

9:00 NINA ARAGÓN

9:30 BÁRBARA AHOAGI

10:00 CAROLINA MELO

10:30 HORTÊNCIA ABREU

COORDENAÇÃO MESA: GLADSTON COSTA

TARDE

14:30 RODRIGO BORGES

15:00 ANGÉLICA ADVERSE

15:30 STÉPHANE HUCHET

COORDENAÇÃO MESA: ANGÉLICA ADVERSE

25 DE OUTUBRO - TERÇA-FEIRA

MANHÃ

8:30 JOSÉ LARA

9:00 BRUNO AMARANTE

9:30 GLADSTON COSTA

10:00 ARMANDO QUEIRÓZ

10:30 LOUISE GANZ

COORDENAÇÃO MESA: MABE BETHÔNICO

25 DE OUTUBRO - TERÇA-FEIRA

TARDE

14:30 GUILHERME MASSARA

15:00 PATRICIA FRANCA-HUCHET

15:30 LUIS ALBERTO BRANDÃO

COORDENAÇÃO MESA: ANGÉLICA ADVERSE

26 DE OUTUBRO - QUARTA-FEIRA

MANHÃ

9:00 KÁTIA HALLAK LOMBARDI

10:00 GRASSAR

COORDENAÇÃO MESA: STÉPHANE HUCHET

TARDE

14:30 CLÁUDIA PÔSSA

CAETANO DIAS

ELIESER BEZERRA

15:30 MARCO PAULO ROLLA

COORDENAÇÃO MESA: STÉPHANE HUCHET



SINOPSES

ANGÉLICA ADVERSE

O imperativo de se viver a vida

Como uma obra de arte foi compreendida pelo Dandismo como uma ordem moral pelo qual se organizavam os valores éticos e estéticos do artista. Esta interpretação contribuiu para se reformular as noções de crítica, experiência e técnica na arte moderna desde o Século XIX. A apresentação tem como objetivo discutir as práticas artísticas e o Dandismo, observando a ideia da estetização da vida como uma das formas para se pensar a produção do Si na modernidade. A concepção da vida artística tornou-se, a partir disso, o fulcro da problematização do ethos do artista moderno.

ARMANDO QUEIRÓZ

Projeto Poeira de sonhos: Destino Eldorado

Onde estará contido o imaginário da busca de ouro e outras riquezas em plena cidade de Belo Horizonte? Quais as conexões ocultas do sensível que unem estados tão marcados pela exploração mineral, Pará e Minas Gerais? O sudeste do Pará está repleto de mineiros em grandes projetos ou garimpos menores, muitos deles clandestinos. O que trazem consigo estes homens e mulheres, especialmente aqueles em que os revezes do ouro marcam sua invisibilidade na metrópole? Não estará nestes rostos o mesmo semblante de abandono encontrado nos garimpeiros de Serra Pelada? Reconstituir estes trajetos é o intuito maior desta pesquisa de mestrado em artes, neste ir e vir de desejos. Linhas férreas abarrotadas de minério de ferro e gentes de metrô, neste Destino Eldorado.

BÁRBARA AHOUGI

O corpo contra-erótico: violência de gênero na arte brasileira

Os trabalhos de performance, artes do corpo e demais variações feitas por artistas mulheres, entre as décadas de 1960 e 1970, se referiam direta ou indiretamente à violência de gênero. O tema, pouco abordado na arte, torna-se recorrente a partir dessa época e manteve-se inabitual à produção masculina, ainda levando-se em conta as pluralidades e peculiaridades que o conceito de gênero abriga. Na via contrária da história das manifestações simbólicas e estruturais do patriarcado, muitas artistas tornaram o corpo como dispositivo contra-erótico, delineando espectros de uma estrutura global, cujo aparecimento tardio apenas agrava sua realidade. No Brasil, a pesquisa constrói-se pelas ausências, pelos longos intervalos de silêncio. Somados aos distanciamentos epistêmicos entre Linda

Nochlin, Walter Mignolo e Gayatri Spivak, podemos vislumbrar o impacto das questões políticas e da matriz colonial no país.

BRUNO AMARANTE

Memória topográfica: reflexos e símbolos da paisagem minerária
A paisagem constitui o reflexo da sociedade que a ocupa, incorporando em seu relevo as transformações oriundas dos meios de urbanização das atividades produtivas e exploratórias, dos interesses ambientais, paisagísticos e culturais. Partindo desta premissa, a pesquisa foca nas paisagens alteradas pela ação da mineração do ferro, delimitada no espaço geográfico do quadrilátero ferrífero mineiro, e propõe a análise simbólica deste cenário. Relativiza as conjunções históricas, econômicas e políticas, que moldaram a topografia contemporânea desta paisagem, percebendo o relevo alterado como testemunho mnemônico. Os morros recortados, as barragens ou crateras à céu aberto, por mais tortuoso que pareça, são elevados à condição de monumentos históricos, servindo de espelhos à constituição histórica e política desta região.

CAROLINA MELO

Quando se pergunta pelo sentido do espaço ou o espaço como obra de arte

A apresentação se configura a partir de um relato de uma experiência artística como prática investigativa, no desenvolvimento de uma pesquisa em artes visuais. Esta evidencia a complexidade do espaço como representação simbólica e a necessidade de considerar uma especulação adequada aos problemas relacionados ao espaço nas práticas artísticas contemporâneas. Uma reflexão sobre as relações entre o espaço e a obra de arte como pura indissociabilidade,

desvelando alguns princípios sutis onde o espaço é retirado do âmbito estritamente físico e reenviado a um cotejamento bem mais abrangente.

CLÁUDIA PÔSSA, CAETANO DIAS E ELIESER BEZERRA

ArtConceito – 524 luas

Examinaremos aspectos do processo de curadoria de uma exposição realizada em Salvador, Bahia, denominada ArtConceito – 524 luas. Como curadores, nossa atuação foi um processo construído em seu próprio percurso, por meio da escuta atenta, da construção conjunta de sentidos e, principalmente, da interação com os integrantes do grupo ArtConceito, com a produtora, também ela artista, com artistas convidados e outros que foram sendo agregados, como ações inesperadas, ao longo do período da exposição. O próprio local da mostra, mais que um ambiente expositivo neutro, agregou leituras advindas de ser espaço habitado. Buscando ratificar o caráter processual da arte e explorar suas múltiplas conexões com a vida, explicitamos uma vontade de manter vivo o espírito de troca e convivência e de borrar a distinção entre arte e vida em uma tentativa de contaminar o processo entre curadoria e artistas abrindo vários parênteses e, propositalmente, deixando alguns deles em aberto, convidando o espectador a uma interação com o processo.

GRASSAR [GRUPO] Daisy Turrer, Elisa Campos, Fernanda Goulart, Liliza Mendes, Patricia Franca-Huchet

Projeto de Pesquisa Interdepartamental | Escola de Belas Artes | UFMG
Grassar reúne um grupo de artistas-professores da Escola de Belas Artes da UFMG, com o objetivo de promover práticas artísticas a partir das experiências compartilhadas em grupos de pesquisa,

exposições, colóquios, publicações e edições. O trabalho do grupo vem se desenvolvendo em reuniões mensais, em Belo Horizonte, e encontros semestrais na cidade de Tiradentes. É de grande interesse dos professores envolvidos no projeto estabelecer parcerias institucionais e construir uma relação produtiva com os espaços do Campus Cultural de Tiradentes da UFMG – Casa de Cultura Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, Museu Casa de Padre Toledo e Sobrado Quatro Cantos. O trabalho, realizado na dinâmica do intercâmbio, está norteado pela instância experimental da arte, um exercício de pesquisa que atravessa as mais diversas modalidades de conhecimento e se abre ao vasto campo das percepções. Em tempo, Grassar deriva do latim grassare. Em português, significa desenvolver-se, alastrar-se, propagar-se progressivamente. Um dos usos do verbo no Brasil é andar, trilhar.

GUILHERME MASSARA

O infantil e suas estéticas na psicanálise

Mais do que o conjunto de experiências cronologicamente datadas e referidas aos estágios iniciais da vida psíquica humana, a infância representa para a psicanálise a base de um conceito com o qual se aborda a própria experiência. O infantil se torna, desde Freud, um modo de apreensão da constituição da experiência a partir do inconsciente, aí incluído todo um cabedal de proposições: a tensão entre o corpo sensível e seus protocolos de simbolização e racionalização; os limites entre o vivido, o lembrado e o fantasiado; as condições de expressão do desejo e da experiência jamais totalizáveis em quadros de representação. Em nossa intervenção, trataremos disso.

HORTÊNCIA ABREU

Para que os pássaros venham morrer em sua janela

No texto Rastro de lesma, discorro sobre projetos impossíveis, sob a perspectiva do Diário de la beca, do escritor uruguaio Mario Levrero, ainda pouco conhecido no Brasil. Para concluir sua Novela Luminosa, o autor envia um projeto iniciado em 1984 para a Fundação Guggenheim. Tendo conseguido a bolsa, o autor inicia, em 2000, a escrita de um diário, que se torna o relato do fracasso do projeto a que se dispôs concluir. A partir de reflexões sobre sua obra e alguns relatos do artista William Kentridge sobre sua própria obra, proponho refletir sobre as escolhas realizadas durante o processo criativo e certos imprevistos que tornam a obra impossível.

GLADSTON COSTA

Realidade e representação - Não-utopia brasileira pela obra de Alfredo Jaar

Os registros do garimpo de Serra Pelada produzidos por Alfredo Jaar em 1985 são o ponto de partida para analisar o ocaso das utopias políticas e artísticas das duas décadas precedentes (1960, 1970) e a relação do que chamo “não-utopias brasileira” com os eventos sociais, políticos, econômicos no momento da “reabertura” democrática no país. A ideia que move minha investigação parte das imagens produzidas por Jaar, suas fotografias e filmes, enquanto eventos paradigmáticos na história da arte na América Latina.

JOSÉ LARA

Expedições minerárias: a experiência do percurso

A pesquisa é motivada por questões procedentes de meu trabalho artístico, com um interesse fundamental em pensar sobre sua

metodologia e as experiências vivenciadas no decorrer do processo. O objeto de estudo - a exploração de minério de ferro em Minas Gerais - está diretamente ligado à memórias de vida em uma região mineradora. A investigação começa com um estudo diário de imagens publicadas junto à notícias sobre mineração. Paralelamente a essa prática, percorro arredores de jazidas minerais localizadas no Quadrilátero Ferrífero, onde colete fragmentos rochosos e imagens em fotografia e desenho. Esse material é levado para o ateliê, onde é plasticamente reconfigurado, de acordo com inquietações derivadas de reflexões e vivências.

KÁTIA HALLAK LOMBARDI

Vestígio, história e temporalidade nas paisagens fotográficas de To Face, de Paola De Pietri

As paisagens fotográficas do livro To Face (2012), de Paola De Pietri, ao incorporarem vestígios da Primeira Guerra Mundial, chamam a atenção para um passado sombrio que não deve ser esquecido. São imagens que jogam com a experiência histórica, ora revelando-a parcialmente, ora apontando para o seu apagamento. Tomamos como base as reflexões de Anne Cauquelin e Simon Schama sobre natureza, cultura e paisagem e a dimensão histórica e temporal do pensamento benjaminiano para discutirmos o modo como as fotografias de To Face evocam a guerra.

LOUISE GANZ

Imaginários da Terra: natureza e geopolítica

A abordagem da natureza pela sua plasticidade e visualidade, de um ponto de vista fixo, torna-se mais complexa a partir do momento em que novos problemas ambientais e sociais passam a ser incorporados pela

arte a partir do século XX. Assim, busco discutir a natureza enquanto objeto de interesses econômicos mundiais e enquanto reflexo de tensões geopolíticas, sem que seja apenas objeto de contemplação e representação. Neste colóquio apresentarei tópicos de minha tese de doutorado Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade.

LUIS ALBERTO BRANDÃO

Reescrever a Revista

Proponho uma experiência que explore, em vários níveis simultâneos - poético, especulativo, afetivo, de prospecção histórica e de indagação crítica -, meu trabalho no projeto de pesquisa e produção editorial "Revista Literária da UFMG - 50 anos", voltado para a preparação de uma edição comemorativa a ser lançada no final de 2016. Fundada em 1966, a RL existiu por cerca de 30 anos, teve ao todo 27 números, publicou muitos nomes importantes e atingiu grande alcance nacional e internacional. Por meio de textos, imagens, nomes, pseudônimos, cenas da história da própria revista e dos desdobramentos atuais que têm gerado, proponho me imiscuir nessa história, deslocá-la, renarrá-la, projetá-la para outros lugares, tempos, mídias, significados, sensibilidades e desejos.

MARCO PAULO ROLLA

Diálogos e reverberações entre os meios na produção do artista MPRolla

Tendo em sua obra, como principal característica, a pluralidade dos meios, o artista vai explanar alguns processos criativos que revelam a potência de se manter aberto e conectado com os possíveis diálogos entre os distintos mananciais de criação do fazer.

NINA ARAGÓN

O testemunho como uma forma de transmissão da experiência
A partir da prática artística, pretende-se discutir a potência do testemunho na arte. Pensar o testemunho como uma forma de transmissão da experiência capaz de afetar sujeitos e assim instaurar um traço, uma marca de memória no corpo. Desse modo, discutir sobre o testemunho que surge de uma experiência afetiva singular de um sujeito, e suas possibilidades, enquanto um campo da arte, de propagação, de forma transferencial e afetiva, capaz de transmitir e provocar novas experiências.

PATRICIA FRANCA-HUCHET

Infância, linguagem e experiência

Apresento uma das camadas de meu trabalho atual que é pensar sobre a infância, sua imagem e como trabalhar com a criação de um universo que dialogue com esta fase da vida. A pesquisa em andamento sobre os Quatro Fotógrafos me levou a trabalhar a questão da infância de meus heterônimos, a condição vivida por cada um nesta época, como foi o caso dos dois primeiros: Zénon e Maël. Mostro este diálogo no trabalho Diminutas e lembrarei uma passagem do livro de Thomas Mann, Doutor Fausto, quando descreve o menino Nepomuk.

RODRIGO BORGES

Geometria Sensível: uma experiência trópica da arte

O reconhecimento de diferenças, mas também de semelhanças, no modo de se relacionar com o objeto artístico, levaram Mario Pedrosa, crítico e teórico da arte, a escrever em 1976 que “o artista primitivo cria um objeto ‘que participa’. O artista de hoje, com algo de um desespero dentro dele, chama os outros a que deem participação

ao seu objeto ». Em 1978, na busca de encontrar as razões de uma vocação construtiva latino-americana, o crítico de arte Roberto Pontual, no texto de abertura da exposição Geometria Sensível, dá a entender que elas poderiam ser buscadas na arte pré-colombiana e na arte dos chamados povos primitivos que ainda a praticavam. No ano seguinte, outro crítico de arte, Antônio Bento, publicou sua pesquisa ‘Abstração na arte dos índios brasileiros’, em que procurou tecer relações de natureza estética e filosófica entre a abstração modernista e a geometria dos brasilíndios. Seria possível, a partir de novos estudos, reativar estes pensamentos intempestivos e relacionar a arte moderna abstrata sul-americana a um tipo de experiência essencial própria dessa região, própria aos povos originais dessa região? Atento a um passado mais atual do que qualquer presente, ao anseio da arte abstrata pelas origens e aos recentes estudos etnográficos sobre os sistemas de pensamento indígenas, busca-se investigar, na abstração geométrica sul-americana, o (re)encontro fascinado do homem com um campo de forças atrativas da arte. Busca-se reconhecer nesse encontro, experiências ‘trópicas’ de, frequentemente, deixar-se ser contornado e envolvido pelo objeto artístico, promovendo aberturas fascinantes e esgotando-se nestas experiências.

STÉPHANE HUCHET

Ter ou fazer ? Uma indagação na questão da experiência artística
A palavra “experiência” indica um intervalo entre o sentido de aquisição e consolidação de um conhecimento e a abertura do sujeito ao desconhecido. Na sua história, a arte representa um lugar privilegiado da experimentação, capaz de tensionar as certezas adquiridas, mas ela se caracterizou também durante muito tempo por ser um lugar da transmissão da tradição. A experiência se situa portanto

entre duas polaridades : uma certa repetição e a possibilidade mais bruta do inédito. A experiência como encontro inaugural do incognito e a experiência como aquilo que a linguagem pode transformar num modelo cognitivo encontra na literatura um espaço de expressão particularmente fértil. Como sugeriu Sartre, o desmoronamento abrupto da autoridade da experiência sob o efeito da experiência inédita gera uma Náusea. Tentaremos entender o que isso significa a partir do famoso romance de 1938 e de algumas ramificações também escolhidas no campo literário e da linguagem. As palavras-chave desta intervenção são Experiência. Experimentação. Tradição. Transmissão. Autoridade. Linguagem.

NOTAS SOBRE OS PARTICIPANTES

ANGÉLICA ADVERSE

Desenvolve pesquisa sobre a relação entre a arte, o design e a moda. Publicou o livro *Moda Moderna Medida do Tempo: O Futurismo Italiano e a Estética do Efêmero* pela editora Estação das Letras e Cores (2012). Doutora e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Desenho pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolveu pesquisa de estágio doutoral na Université Paris I - Sorbonne e cursou História da Arte e dos Objetos na Escola do Louvre - Paris (entre 2014-2015).

ARMANDO QUEIRÓZ

Belém do Pará [1968]. Sua produção artística abrange desde objetos diminutos até obras em grande escala. Detém-se conceitualmente às questões sociais, políticas, patrimoniais e as questões relacionadas à arte e a vida. Cria a partir de observações do cotidiano das ruas, apropria-se de objetos populares de várias procedências e tem como referência a cidade e o outro. Foi contemplado com o Prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça Artes Plásticas 2009-2010. Em 2011, participa da 16ª Bienal de Cerveira e da III Bienal do Fim do Mundo, Ushuaia. Em 2014, participa da 31ª Bienal de São Paulo. Vive, trabalha e estuda entre Belém e Belo Horizonte.

BÁRBARA AHOUGI

Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG. Atua como professora da rede fundamental de Betim e participa do



grupo Estratégias da Arte numa Era de Catástrofes coordenado pela professora Maria Angélica Melendi. Artista e pesquisadora independente pesquisa o campo da performance e das relações entre arte e política na América Latina tendo em vista as intervenções da crítica feminista e dos estudos decoloniais.

BRUNO AMARANTE

Natural de Belo Horizonte. Professor assistente do Curso de Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica da Universidade Federal de São João del Rei. Doutorando do Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG. Mestre em artes visuais (2013) bacharel em escultura (2009) Escola de Belas Artes da UFMG. Artista plástico, tem a cerâmica e suas extensões como suporte. Participou de salões nacionais e internacionais e exposições coletivas e individuais.

CAROLINA MELO

Artista e professora no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora e mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua prática artística utiliza diferentes meios onde noções como a plasticidade, a transsubstancialidade, o efêmero, o tempo e o espaço são recorrentes.

CAETANO DIAS

Feira de Santana, vive e trabalha em Salvador. Apresentou recentemente "Céu de Chumbo", na Blau Projects/SP. Participou das coletivas: Alimentário Arte e patrimônio alimentar brasileiro, MAM/RJ e Oca Ibirapuera/SP; Frestas; Do Valongo à Favela: Imaginário e periferia, MAR/RJ; Expedição Terra, III Bienal da Bahia, Canudos/BA; XVIII SESC/Videobrasil/SP; Eu fui o que tu és e tu serás o que eu

sou, Paço das Artes/SP; Da solidão do lugar a um horizonte de fugas, Berardo Museum, Lisboa/Portugal; XVI Bienal de Arte de Cerveira/Portugal; Art In Brazil (1950/2011), BOZAR/Bélgica; Tékhne, MAB/FAAP/SP; II Trienal de Luanda/Angola; Continents à la derive, CRAC Languedoc-Roussillon, Paisagens Oblíquas, Fundação Berardo/Portugal; Art Supernova, Bienal de Valência/Espanha; 29 Panorama da Arte Brasileira, MAM/SP; Interconnect@between attention and immersion, ZKM/Alemanha; Discover Brazil, Ludwig Museum, Coblença/Alemanha; III Bienal de Artes Visuais do Mercosul/RS; Rede de Tensão, Paço das Artes/SP. Seleção de Prêmios: Le Fresnoy/França; Prêmio VII Salão MAM/BA; XVIII SESC/Videobrasil/SP e FICC/BA - ABCV; VII Salão MAM/BA.

CLAUDIA PÔSSA

Barbacena MG. Doutorado pela Escola de Belas Artes da Universidade de Barcelona, sobre a obra fotográfica de Pierre Verger. Vive em Salvador, Bahia, desde 1990. Com formação multidisciplinar é graduada em física com especialização em astrofísica pela UFMG. Professora associada da Universidade Federal da Bahia. Professora visitante na Universidade Politécnica de Valência, ES. Organizou as seguintes curadorias de exposições: De um mundo ao Outro: Pierre Verger nos anos 30, em parceria com Alex Baradel, da Fundação Pierre Verger, apresentada no Palacete das Artes e na Aliança Francesa, Salvador/BA; Caetano Dias Inverta, Caixa Cultural, Salvador/BA; ArtConceito - 524 luas, em parceria com Caetano Dias, Salvador/BA.

DAISY TURRER

Artista plástica. Professora de Gravura e do Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. Graduada em Licenciatura

e Desenho pela UEMG. Doutora em Literatura Comparada pela FALE/UFMG. Coordena o Núcleo de Estudos da Cultura do Impresso NECI-EBA-UFMG.

ELIEZER BEZERRA

Feira de Santana. Vive e trabalha em Salvador. Oriundo das oficinas de arte do Museu de Arte da Bahia - MAM, é graduando em Filosofia e História pela Universidade Católica do Salvador. Trabalha com múltiplos suportes, como pintura, fotografia, desenho, gravura e instalação. Tem participado de diversas exposições coletivas e salões tais como: ArtConceito 524 luas, Espaço Xis, 2015; Como Refazer o Mundo, Galeria Luiz Fernando Landeiro, 2014; VII, IX e X Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemman (tendo recebido o Prêmio Aquisição na VII e a Menção Especial na X). Participou também dos Salões Regionais de Vitória da Conquista, Valença (onde recebeu uma Menção Especial), Juazeiro, Feira de Santana, Jequié (onde recebeu o prêmio Fundação Cultural do Estado da Bahia) e do XV SINAI Salão Nacional de Itajaí, Itajaí, Santa Catarina.

ELISA CAMPOS

Artista-pesquisadora, tem participado de exposições coletivas e individuais em várias cidades do Brasil, desde 1991, realizando ainda intervenções em espaço público desde 2003. Doutora em Arte (EBA/UFMG) com estágio na Université Paris 8 - Paris/FR. É Professora Adjunta do Departamento de Desenho da EBA/Universidade Federal de Minas Gerais, atuando na Pós-Graduação na mesma instituição e na Especialização da Escola Guignard/UEMG. Coordena o Grupo de Pesquisa LEVE - Laboratório de Estudos e Vivências da Espacialidade com pesquisas, criações e ações coletivas, envolvendo a paisagem

urbana e a problematização do espaço social. Atuou no Museu de Arte da Pampulha SMC/PBH (1996 a 2003), organizando exposições nacionais e internacionais, curadorias do acervo e implantando o Núcleo de Arte Educação. Foi responsável também pela implantação do Projeto Educativo do Centro de Arte Contemporânea de Inhotim - Brumadinho / MG 2005/06 .

FERNANDA GOULART

Artista professora e designer. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Pela mesma instituição graduou-se em Artes Visuais/Gravura [2003]. Mestrado em Comunicação Social [2005]. É professora Adjunta do Departamento de Desenho [Artes Gráficas]. Atua nas seguintes linguagens e temas: vídeo, performance, instalação, fotografia, memória gráfica, design gráfico.

GLADSTON COSTA

Doutorando (2016 -) e Mestre em Artes (2009 - 2011) pelo programa de pós-graduação da EBA - UFMG. Possui graduação em Artes visuais pela EBA - UFMG (2004 - 2008). Artista pesquisador integrante do grupo de pesquisa BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo, coordenado pela Professora Doutora Patricia Dias Franca-Huchet. Integrante do Grupo de pesquisa Estratégias da arte na Era das Catástrofes, coordenado pela professora Maria Angélica Melendi (Piti). Desenvolve pesquisas nas áreas de teoria e crítica da arte contemporânea, teoria da imagem e da linguagem e sobre as implicações sociais, econômicas e políticas das práticas artísticas contemporâneas.

GUILHERME MASSARA

Psicanalista, Doutor em Filosofia e professor do Departamento de Psicologia da UFMG. Membro do GT Psicanálise, Política e Cultura da Anpepp/Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia; membro da FEDEPSY - Fédération Européenne de Psychanalyse e da ISSP - International Society of Philosophy and Psychoanalysis. Escreveu, dentre outros, *Man in Progress Daniel Hourdé/Sculptures and other works* (Paris: Galerie Agnès Monplaisir, 2014) e *Olho Clínico: ensaios e estudos sobre Arte e Psicanálise* (Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2008).

HORTÊNCIA ABREU

Belo Horizonte [1989] é artista e pesquisadora, graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Artes pela mesma instituição. Seus estudos se concentram em estratégias da memória presentes em práticas da arte contemporânea e da história da arte. Vive e trabalha em Belo Horizonte.

JOSÉ LARA

José Lara nasceu em 1990, em Itaúna - Minas Gerais. Vive e trabalha em Belo Horizonte - Minas Gerais. Mestrando do Programa de Pós-Graduação das Escola de Belas Artes da UFMG. Graduado em Artes Visuais, com habilitação em Pintura, pela mesma instituição. Participou de diversas mostras coletivas e apresentou três exposições individuais em Belo Horizonte: 'O que existe por dentro (ou por trás)', 2013 - Galeria de Arte da CEMIG / 'Incursões', 2015 - Museu Inimá de Paula / 'Diante da Matéria', 2015 - Galeria de Arte da COPASA.

KÁTIA HALLAK LOMBARDI

Fotógrafa, professora e coordenadora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora na área de Comunicação, com ênfase em Imagem e Fotografia. Dedicase principalmente aos temas: fotografia documental, Documentário Imaginário, fotografia de guerra e Poéticas do Vestígio.

LILIZA MENDES

Belo Horizonte [1958]. Artista plástica e professora da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutora em Artes [EBA/UFMG], Mestre em Artes Visuais [EBA/UFMG] e graduada em História [FAFICH/UFMG]. Desenvolve pesquisa artística no campo da tridimensionalidade através de experiências com a cerâmica, outros materiais moldáveis e ainda com a fotografia e vídeo.

LOUISE GANZ

Louise Ganz é artista e arquiteta, mestre em Linguagens Visuais pela EBA UFMG e doutora pela EBA UFRJ. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado na Escola de Arquitetura da UFMG e co-fundadora do grupo Thislandyourland. (thisland.tumblr.com). Atua principalmente na interface entre arte contemporânea, urbanismo e paisagem, focando em questões relativas à natureza, à geopolítica e à produção de narrativas e ficções visuais. Foi professora na Escola Guignard e no curso de Arquitetura da Unileste. Realizou exposições em instituições de arte no Brasil e possui textos publicados em revistas e livros.

LUIS ALBERTO BRANDÃO

Escritor e professor titular da Faculdade de Letras da UFMG. Seus livros, muitos dos quais premiados, exploram os limites entre diversos gêneros literários e não literários. Entre eles estão: Teorias do Espaço Literário (Perspectiva, 2013), Manhã do Brasil (Scipione, 2010), Chuva de Letras (Scipione, 2008), Grafias de Identidade (Lamparina, 2005), Tablados: livro de livros (7Letras, 2004), Um Olho de Vidro (Fale/UFMG, 2000), Saber de Pedra: o livro das estátuas (Autêntica, 1999). É pesquisador do CNPq e da Fapemig. Em 2013 atuou como residente no IEAT – Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG. Coordena o grupo de criação e pesquisa Espaços Literários e Transdisciplinares.

MARCO PAULO ROLLA

São Domingos do Prata, MG, 1967. Vive e trabalha em Belo Horizonte. Mestre em Artes pela EBA UFMG, 2006. Residência na Rijksakademie van Beeldende Kunsten – Amsterdam, NL, 1998/1999. Criador coordenador e editor do CEIA – Centro de Experimentação e Informação de Arte, Belo Horizonte. Realizou exposições individuais no Brasil, Alemanha, Argentina e Holanda. Participou de exposições coletivas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Rohrbach Zement, Dotternhausen, Alemanha; Muu Gallery, Helsink, Finlândia; e na Fondazione Pistoletto, Italy. Participou da programação de Performance da 29 Bienal de São Paulo, 2010. E em 2015 participou da exposição Terra Comunal com curadoria de Marina Abramovic. Premio de Aquisição do Salão Nacional da FUNARTE, RJ e do Premio Edgard Gunther de Pintura do MACUSP SP. Como performer vem se destacando participando de festivais no Brasil e no exterior. Desde 2013 é o curador de performance do Memorial Minas Vale. É professor da Guignard UEMG.

NINA ARAGÓN

Artista visual, mestranda em Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da UFMG. Graduada em Artes Visuais na EBA/UFMG com habilitação em desenho, em 2014. Pesquisa o testemunho na arte contemporânea. Kursou um semestre na Facultad de Comunicación da Universidad de Sevilla, España, através de programa de Extensão Universitária em 2013. Participou como artista convidada do projeto Ateliê Midiológico no teatro Espanca! em 2015. Participou da residência artística Cemitério do Peixe - Magia e Morte na Arte Contemporânea em 2015. Participou das edições 2011 e 2012 da residência artística EM COMODO.

PATRICIA FRANCA-HUCHET

Pesquisadora, artista e professora da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutora e Mestre pela Université de Paris1|Sorbonne, Pós-doutorado pela Université de Paris III CRECI: Centre de Recherche en Esthétique du Cinéma et des Images. Investiga a imagem focalizando seu interesse pela reconstrução crítica da tradição pictural [fotografia, artes plásticas e literatura]. Divide as suas atividades com a prática da pesquisa, ensino, publicação, exposição, curadoria e do evento [comunicações, palestras e apresentações de trabalho diversas no Brasil e em outros países]. Sua pesquisa Os quatro fotógrafos foi mostrada em vários países: Paris FR 2009, València ES 2009, Madrid ES 2010, Montreal CA 2011, Florianópolis e Belo Horizonte, BR 2012, Bienal de Lalin Galícia ES, e Porto Alegre 2015. Coordena o grupo de pesquisa BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo. Sua última publicação, o texto Le livre de Zénon Piéters: photographie montage et fragments d'écriture, está no livro De L'écriture et des Fragments; fragmentations et sciences Humaines, sob a direção de Peter Schnyder e Frédérique Toudoire-Surlapierre, Edições Garnier, Paris [2016].

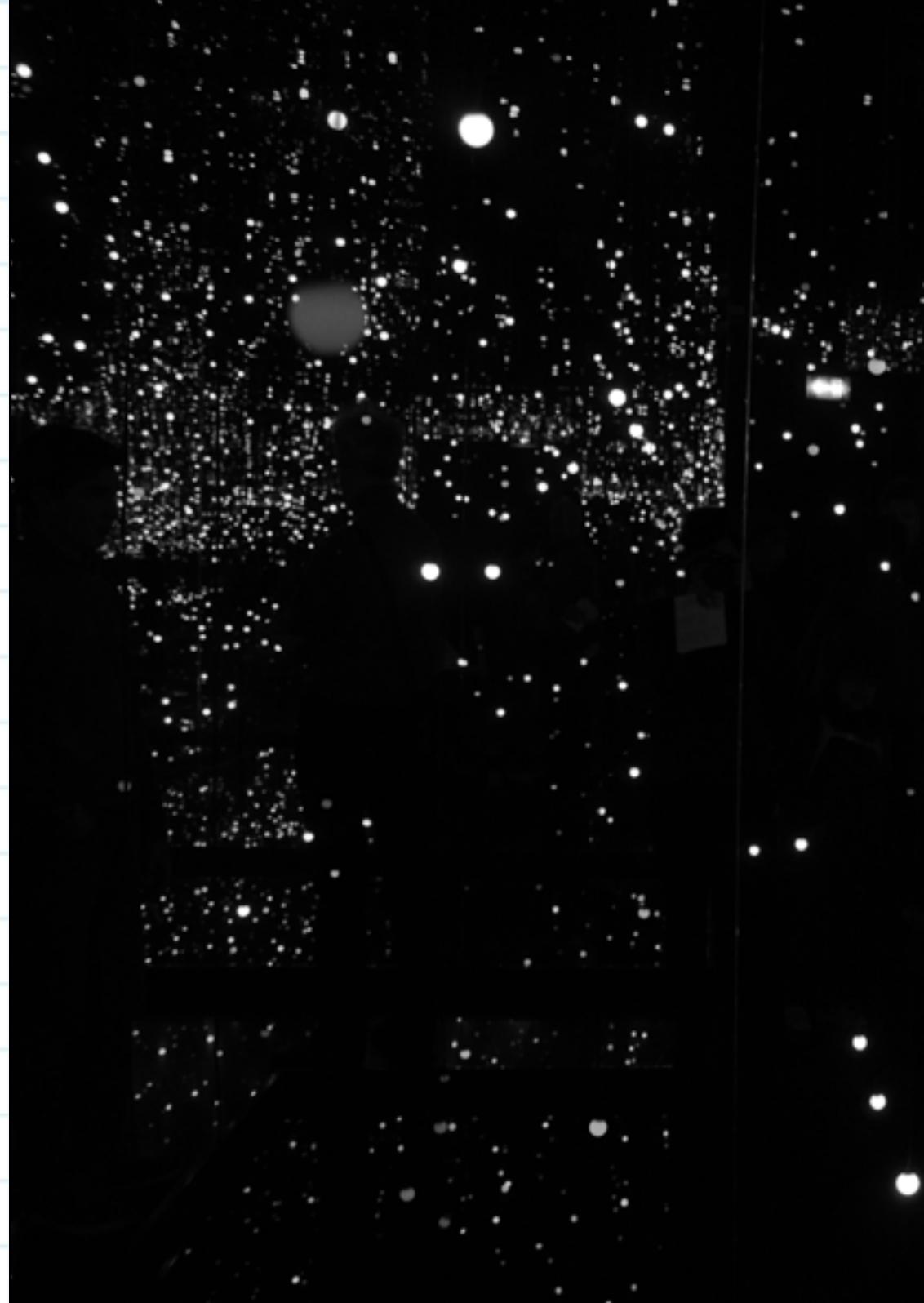
RODRIGO BORGES

Governador Valadares, MG, 1974

Artista-pesquisador. Doutorando no PPGARTES da UFMG, onde concluiu o Mestrado em 2005. Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFV-1997) e em Belas Artes/Desenho (EBA/UFMG-2002). Professor do Departamento de Desenho, EBA/UFMG desde 2006. Pesquisa a arte abstrata e a abstração geométrica da América do Sul. Participou de diversas exposições, com destaque para as mostras individuais: Caixa Aberta (Galeria EmmaThomas, São Paulo, 2011) e Embrulho (Espaço Cultural Cemig Galeria de Arte, Belo Horizonte, 2010); e coletivas: Campo Branco (Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, 2012); Geometria Impura (Centro de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, 2010-11); Fiat Mostra Brasil (Porão das Artes da Fundação Bienal, São Paulo, 2006), Disposição (Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2005); e Rumos da Nova Arte Contemporânea Brasileira (Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2002). Artista selecionado no Programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2003.

STÉPHANE HUCHET

Stéphane Huchet. Professor Titular da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do CNPq. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Publicou vários livros e artigos. No prelo na Editora 34, um ensaio crítico sobre a arte ativista e a perspectiva moral na tradição artística.



COMITÊ CIENTÍFICO:

BE-IT: BUREAU DE ESTUDOS SOBRE A IMAGEM E O TEMPO
COORDENADORA: PATRICIA DIAS FRANCA-HUCHET

STÉPHANE HUCHET

GLADSTON COSTA | JOSÉ LARA | NINA ARAGÓN





BUREAU DE ESTUDOS SOBRE A IMAGEM E O TEMPO

2016